



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A INCLUSÃO DO ADOLESCENTE COM SINTOMAS DEPRESSIVOS
NO CONTEXTO ESCOLAR**

PAOLA MARIEL MONASTERIO DE LA MENZA

ORIENTADORA: Professora MSc.NADJA RAMOS DE AVILA

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

A INCLUSÃO DO ADOLESCENTE COM SINTOMAS DEPRESSIVOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em ___/___04___/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Profesora MSc. NADJA RAMOS DE AVILA
ORIENTADORA

Professor FRANCISCO NEYLON DE SOUZA RODRIGUES
EXAMINADOR

PAOLA MARIEL MONASTERIO DE LA MENZA
ALUNO

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha filha, Natasha, meu mestre.

Aos meus alunos que orientaram esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jorge Horacio Marchesano, meu esposo,
seu apoio e grande companheirismo.

PAOLA MARIEL MONASTERIO DE LA MENZA

**A INCLUSÃO DO ADOLESCENTE COM SINTOMAS DEPRESSIVOS
NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientador(a): Professora MSc. Nadja Ramos de Avila

BRASÍLIA/2011

RESUMO

Este trabalho pretende abordar a inclusão de alunos com sintomas depressivos e suas questões histórico-culturais no contexto escolar. O objetivo é analisar a subjetividade social do sujeito adolescente e confrontá-lo com a subjetividade individual destacando os sintomas depressivos como resultado deste conflito. A perspectiva histórico-cultural de Vigotski aborda as relações entre a linguagem e o sujeito adolescente e a teoria da subjetividade de Fernando Gonzalez Rey diz a respeito do sentido subjetivo que o sujeito adolescente constrói do contexto social. Os resultados alcançados com a coleta de dados permite inferir uma significativa porcentagem de adolescentes em conflito na elaboração das suas posições pessoais subjetivas e uma configuração subjetiva de instabilidade sócio-familiar que o torna emocionalmente instável. Este trabalho permitiu compreender a construção das subjetividades sociais na adolescência inserido no contexto exclusão social, assim como também para tomar consciência da importância de formar em e para a inteligência emocional; procurando maior alteridade na comunidade escolar.

Palavras chaves: sujeito adolescente, configurações subjetivas, exclusão social, inteligência emocional

SUMÁRIO

RESUMO

APRESENTAÇÃO.....	08
FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	10
METODOLOGIA.....	11
RESULTADOS.....	15
1 O sujeito adolescente	15
2 Sintomas depressivos e inclusão	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERENCIAS	40
APENDICES.....	44
Questionário e frases motivaadoras	44

APRESENTAÇÃO

Este trabalho pretende abordar a subjetividade social de alunos com sintomas depressivos e suas questões histórico-culturais no contexto escolar envolvendo alunos do ensino médio dos 14 aos 16 anos.

Alguns adolescentes não se encontram preparados para enfrentar a dicotomia: grupo - indivíduo, vida adulto - criança; por um lado o sujeito é instável frente aos desafios (nível intrapessoal); e por outro o contexto é agressivo (nível interpessoal).

Na questão interpessoal, devemos considerar que os adolescentes por um lado têm características de adultos, frente a uma sociedade que apresenta construções subjetivas em constante mudança. Por outro, seu papel frente à família, à escola ou aos grupos de companheiros é um papel de criança, ao qual ele já estava adaptado. Há os que se comprometem e são bem sucedidos e os que ficam à deriva. São esses, que nos devem preocupar, pois eles revelam grandes problemas no processo de aprendizagem e no convívio social.

Sendo o objeto de estudo a leitura que o adolescente faz do contexto escolar e suas concomitantes percepções subjetivas frente a um contexto desestimulante, agressivo e um sujeito em processo de transformação-metamorfose; analisou-se os conflitos no contexto escolar, lugar onde crianças e jovens tem as oportunidades apropriadas para interagir e aprender.

Do ponto de vista pedagógico-didático é interessante trabalhar no sujeito adolescente com a “alfabetização emocional” de Daniel Goleman, que possibilita uma melhor estruturação das configurações subjetivas ensinando a valorizar, aceitar e desenvolver a riqueza das nossas emoções dando-lhes a devida credibilidade no contexto escolar.

Vigotski e Fernando Gonzalez Rey trazem para nossa pesquisa um olhar mais apurado para a linguagem e para a socialização, sendo a primeira a ferramenta sócio-histórica que o homem utiliza para construir seus conhecimentos e a segunda a socialização, o principal elemento do desenvolvimento potencial da aprendizagem e da cultura. Já que entendemos que o homem constitui-se e é constituído pela cultura.

Conflitos na construção da subjetividade social se evidenciam pelos sintomas depressivos que surgem no contexto escolar, no contexto familiar, atingindo crianças e adultos, envolvendo o sujeito e os grupos sociais que o circundam. Esses grupos não apresentam uma resposta unânime, pois seus integrantes não percebem o desequilíbrio que o próprio problema gera no sujeito e conseqüentemente no contexto. A escola como um dos elementos que socializa tem sua responsabilidade, tem um papel a cumprir, e pode ajudar neste propósito.

Compreender o contexto escolar e as problemáticas que atingem o adolescente na construção de suas percepções subjetivas; ajuda a caracterizar o contexto social que envolve o adolescente (interpessoal) e suas questões psicológicas (nível intrapessoal) destacando a inclusão ou exclusão do sujeito como resultado deste confronto.

Sugere-se a necessidade de criar espaços mais dinâmicos para que se produzam trocas de experiências mais positivas; identificando os obstáculos e os elementos facilitadores na comunicação, tomando em conta o sujeito na sua evolução psicológica, respeitando as características da comunidade escolar, aumentando assim a alteridade do grupo para que as relações aconteçam de uma forma dinâmica, simples e reveladora.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base teórica da pesquisa é a perspectiva histórico-cultural que define e descreve o adolescente a nível interpessoal e a nível intrapessoal.

Vigotski define as relações entre linguagem e a realidade do adolescente (nível intrapessoal) e caracteriza a adolescência por meio do pensamento por complexos. O conceito de internalização, mediação e zona de desenvolvimento proximal nos ajuda a entender o nível de desenvolvimento interpessoal.

A teoria de base para trabalhar a questão intrapessoal e interpessoal é a teoria de subjetividade de Fernando Gonzalez Rey, baseado na perspectiva histórico-cultural de Vigotski.

Osório, Aberaztury e Knobel caracterizam e conceituam a adolescência de uma visão sócio-cultural, sem deixar de lado as questões psico-biológicas próprias desse período.

Daniel Goleman nos aponta uma visão interessante com seu conceito de inteligência emocional, pois este se torna chave numa sociedade inclusiva

III- METODOLOGIA

3.1- Fundamentação Teórica da Metodologia

A metodologia qualitativa com caráter interpretativo-constutivo nos proporcionou a análise do problema da inclusão de alunos depressivos. A perspectiva histórico-cultural de Vigotski, e a teoria de subjetividade de Fernando Gonzalez Rey colaboraram na construção e interpretação das configurações subjetivas do sujeito adolescente, não de forma isolada e sim em contato com seu meio ambiente, gerando uma rede baseada nas práticas simbólicas compartilhadas do sujeito, nas suas experiências a priori e no sentido subjetivo da realidade experimentada. O estudo dos sintomas depressivos como parte das configurações subjetivas do adolescente foi feito com base nos estudos de Fernando Gonzalez Rey, trabalhando com o preenchimento de frases que foram a chave para desvendar desejos, esforços de “querer ser”, assim como também indicadores de conflitos e dificuldades nas percepções subjetivas do sujeito. Isto é apresentado na coleta de dados feita com perguntas e frases inconclusas que estimularam ao aluno para falar sobre si próprio. Como metodologia constitui-se um elemento revelador, pois a pesquisa descritiva é baseada na interpretação das respostas de adolescentes com conflitos na percepção subjetiva do contexto escolar e que manifestam sintomas depressivos. Assim, verificaram-se através dos textos motivadores, os desequilíbrios na subjetividade individual e social de moças e rapazes que não encontraram; primeiramente o sentido para a “felicidade”, um dos indicadores que simboliza sua ligação com a vida; como também, a análise do indicador “criança” que mostra a atitude, deles, ainda como tal ou como adultos incompletos; por último o indicador “metamorfose” revelou o “ser diferente” de jovens que estão mudando. O preenchimento de frases, método sugerido por Fernando Gonzalez Rey, foi indicador de desejos, conflitos e de esforços de “querer ser”, manifestando o sentido subjetivo das percepções do sujeito geradas em outras zonas da vida do adolescente. São mostradas assim, situações reais, através de derivações psico-sociais.

Esses “indicadores” são um conceito importante trazido por Fernando Gonzalez Rey (2005), pois eles representam na metodologia trabalhada um momento hipotético no processo de produção da informação que conduzirá à aparição de

novos indicadores através de novas idéias associadas com a construção dos indicadores precedentes.

Os objetivos que nortearam essa pesquisa serão expostos em seguida:

Objetivo geral

- Analisar as características da inclusão de alunos com sintomas depressivos no contexto escolar em uma instituição educacional de Taguatinga - DF.

Objetivo específico

-Examinar o contexto social que envolve o sujeito adolescente e confrontá-lo com as questões do próprio sujeito, destacando os sintomas depressivos como resultantes do conflito.

-Verificar a relação inclusão – sintomas depressivos.

-Registrar dados que permitam compreender melhor o universo do sujeito adolescente no contexto escolar

-Compreender a importância do trabalho da inteligência emocional nas escolas para a construção saudável das configurações subjetivas do sujeito.

3.2- Contexto da Pesquisa

O contexto da pesquisa foi composto por adolescentes de uma escola particular do Distrito Federal do Ensino Médio, que estudam no turno matutino e tem complementação curricular uma vez na semana à tarde. A escola encontra-se situada no centro de Taguatinga e no ensino médio soma-se um total de 265 alunos.

3.3- Participantes

Os participantes formam alunos do ensino médio entre 14 e 16 anos, pertencentes à classe média. Os selecionados, 07 alunos, chamaram nossa atenção frente às questões que apontavam a elucidar a percepção subjetiva e a construção das configurações subjetivas do meio sócio-emocional.

3.4 – Materiais

Foi utilizado um formulário com frases e palavras indicadoras de conflitos.

3.5- Instrumentos de Construção de Dados

Depois dos alunos terem preenchido o formulário e feito as identificações do mesmo por meio de um número selecionaram-se sete alunos, observando o critério

dos indicadores que mostraram conflito nas construções subjetivas e evidenciavam nas respostas sintomas depressivos. Iniciou-se o processo de interpretação das respostas com a finalidade de compreender as percepções subjetivas do sujeito, abaixo explicadas:

Na primeira frase a palavra chave é **Felicidade**. Serve para elucidar o problema em relação àquilo que acha da vida, no momento atual; conhecendo assim seu estado de espírito.

Na segunda frase a palavra chave é **Criança**. Serve para desenvolver o problema consigo mesmo (questão intrapessoal) e as características das relações parentais.

Na terceira frase a palavra chave é **Metamorfose**. Servirá para elucidar soluções possíveis que o indivíduo encontra na sua volta (questão interpessoal), com seus semelhantes e as projeções que faz do seu futuro.

Aplicamos a técnica proposta pelo Fernando Gonzalez Rey, do preenchimento de frases, tendo selecionado algumas delas e assim justificamos as escolhas:

- 1-Gosto porque nela se expressa interesses, socialização.
- 2-O tempo mais feliz porque exprime os espaços mais significativos.
- 3-Queria saber por que indica o sentido subjetivo dos elementos da sua vida.
- 4-Meu maior temor porque exprime os conflitos nas configurações subjetivas.
- 5-Escola porque esclarece o significado que outorga ao conhecimento.
- 6-Não consigo este é um interessante indicador de conflitos.
- 7-Sofro porque é fonte de percepções subjetivas.
- 8-Meu futuro porque explica a elaboração de suas posições pessoais.
- 9- A preocupação principal nos revela conflitos intrapessoais ou interpessoais.
- 10-Meu maior problema nos revela conflitos intrapessoais ou interpessoais.

3.6- Procedimentos de Construção de Dados

O critério para a escolha da instituição foi devido ao número de alunos com

sintomas depressivos e que estão baixo tratamento psiquiátrico, como também o fato de ter acontecido até um intento de suicídio no banheiro da própria escola.

Na hora de responder o questionário apenas foi registrada a idade e feita a numeração dos formulários. Eu, como professora das turmas, conversei com eles e deixei claro que só responderia quem quisesse e que era importante conhecê-los e saber o que pensavam. Foi feito, também, um termo de livre consentimento assinado pela escola, e pelos pais para me autorizarem a aplicar o questionário.

3.7- Procedimentos de Análise de Dados

As categorias e o procedimento da análise foram as sugeridas pelo Fernando Gonzalez Rey, prestando atenção aos sentidos subjetivos da palavra escola, ao espaço significativo da frase “o tempo mais feliz” e principalmente aos conflitos que surgiam nas percepções subjetivas e nas configurações subjetivas das palavras *sofro meu futuro e meu maior problema*; assim liguei essas informações com as perguntas acima respondidas, com o objetivo de traçar o conceito que eles tinham da vida adulta e da vida de criança.

I V- RESULTADOS E DISCUSSÃO

CAPITULO I

O SUJEITO ADOLESCENTE

“A escola tem a obrigação de formar jovens capazes de criar, em cooperação com os demais, uma ordem social na que todos possam viver com dignidade... a educação deve servir a um projeto da sociedade como um todo”. (Bernardo Toro)

O sujeito adolescente vive momentos de confusão sumamente dolorosos, em que as fricções com os familiares e com o contexto social são características, como o esclarece Aberaztury e Knobel. A trajetória de um sujeito está marcada não apenas pela herança que recebe de seus pais, mas pelas experiências que vivencia ao longo de sua vida. É entendido, portanto, como um conjunto de processos que implicam em mudanças progressivas, tanto do ponto de vista biológico quanto do contexto social com o qual está em permanente interação.

Segundo os autores, em virtude da própria crise que vive o adolescente e de sua vulnerabilidade, torna-se apto para sofrer os impactos de uma realidade frustrante, como também, um receptáculo dos conflitos dos outros assumindo os aspectos conflitantes do contexto em que vive. É desta forma que surge um adolescente em crise, em luta, em posição marginal frente ao mundo que o limita e o reprime. Na perspectiva histórico-cultural, desenvolvimento implica permanentes transformações ao longo da vida, explicadas por múltiplas razões, nunca por uma só, pois o sujeito em permanente contato com diferentes contextos está recriando seu próprio mundo. Tanto o desenvolvimento biológico quanto o social, pode ser descrito como “processo pelas quais novas formas de organização emergem daquelas que as precederam no tempo” (BRENT, apud VALSINER, 1989). Dessa forma, desenvolvimento é um processo de transformação estrutural baseado na interação entre um organismo e um ambiente, implicando transformações sucessivas e permanentes. Pressupõe, portanto, intercâmbios que acontecem em contextos sociais e culturalmente estruturados, que promovem mudanças ao longo do tempo.

Assim, a conduta humana é influenciada basicamente por dois fatores: o aparato biológico e as experiências de vida, interpessoais que podem ser positivas, como o sucesso escolar ou a participação de um passeio familiar; mas também podem ser negativas como situações de guerra, orfandade, agressão familiar. Dentro deste marco, o papel do sujeito, suas reações ou não reações formam o contexto cultural, transformando-o. Sobre estas bases, pode-se considerar a adolescência como um processo evolutivo em constante mutação.

1.1 - Conceito de adolescência

Aqui, o objetivo é definir o período contraditório da vida do ser humano que por momentos se torna de difícil compreensão para os adultos: a adolescência. Aberaztury e Knobel (op. cit.1999) consideram, que toda adolescência tem características individuais, do contexto cultural, social e histórico desde o qual o jovem se manifesta; sendo que o mundo em que vivemos nos exige mais do que nunca a busca do exercício da liberdade e a reafirmação das escolhas que fazemos.

O termo adolescência não é universal, muitas sociedades não possuem este conceito. Cada cultura possui um conceito de adolescência, baseando-se sempre nas diferentes idades para definir este período. Osorio (1989) expõe o contexto do universo adolescente. Para o autor a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano e para compreendê-la é preciso estudar os aspectos biológicos, psicológico, sociais ou culturais, sendo estes o conjunto que resulta em características que confere unidade ao fenômeno da adolescência. Algum tempo atrás, essa caracterização era feita a partir dos comemorativos biológicos que marcavam esse momento evolutivo do ser humano. Segundo o autor, o adolescente não poder ser estudado apenas sob a ótica de suas modificações corporais, pois existem as “crise de valores” pelas que passa o jovem e as quais nos ajudam a compreender o real significado da transformação da “criança”em “adulto”. Isso significa que a adolescência seria uma atitude cultural. Para Osorio, as mudanças físicas costumam caracterizar a puberdade, que neste caso seria um ato biológico ou da natureza, conjuntamente com as transformações psicossociais que caracterizam a adolescência.

Assim, do ponto de vista conceitual, adolescência significa em latim: ad: **a**, para a e **olescere**: forma incoativa de oler, crescer; é a condição ou processo de crescimento. O termo se aplica ao período da vida compreendido entre a puberdade

e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam entre os 13 e os 23 anos aproximadamente (Aberaztury e Knobel, op.cit.). Segundo Marcio Cotrim (Correio Brasiliense, setembro 2006), a palavra vem do latim **adolescens**, **adolescentis**, que designa tudo o que cresce mais também o que queima, pois a origem do vocábulo é o radical **adolens**, ardente. Dele se chega à deusa romana Adolenda, à qual eram feitos sacrifícios de plantas e animais. Neles, o fogo crescia graças ao óleo, **ad oleum**, que lhe era adicionado – daí Adolenda - provocando agradável odor.

Os sentidos e as percepções estão em permanente contato com o contexto sócio-cultural, o que permite um intercâmbio enriquecedor para o sujeito enquanto ser social e nas suas experiências interpessoais. A carência de experiência emocional pode ocasionar a falta de senso crítico. As emoções atuam fortemente na vida cognitiva, podendo prejudicar o rendimento escolar. A ansiedade, freqüente nos jovens pode ser um fator bloqueador das aptidões intelectuais. O contato com a realidade favorece o desenvolvimento e a aprendizagem. Tudo o que é experimentado é internalizado. É por isto que, as experiências na escola são importantes, pois elas desenvolvem ao sujeito como ser interpessoal, outorgando-lhe ferramentas para lidar melhor com seu ser intrapessoal.

Para Aberaztury e Knobel (op.cit. 1999), o crescimento e as modificações do seu corpo ao chegar à puberdade (latim, púber: adulto - capacidade de gerar-) impõem ao adolescente uma mudança de papel frente ao mundo exterior, e o mundo externo exige-lhe se ele não o assume. Isto é vivido como uma invasão a sua própria personalidade. Ainda que ele não queira, é exigido como se fosse um adulto, e este mandato do mundo exterior geralmente o conduz – como defesa – a manter-se nas suas atitudes infantis. O essencial na adolescência parece ser a condição de entrar no mundo adulto, modificando sua postura frente ao mundo.

Para Osorio(op. cit.1989), o estudo da adolescência hoje extrapola o interesse cognitivo, portanto, a puberdade é marcada por significativas mudanças biológicas e psicossociais. É neste momento que ocorre, simultaneamente, maior separação do filho em relação aos pais e maior busca de novos laços afetivos extra-lar. No período da adolescência-puberdade, os jovens enfrentam exigências sociais novas e, às vezes, drásticas. Fazer tudo que fazem os adultos não pode, nem pode fazer coisas de crianças, pois o adolescente não é um nem outro. Osorio aborda a

crise na adolescência e a questão da identidade do ponto de vista psicológico considerando que “a tarefa básica da adolescência é a aquisição desse sentimento de identidade pessoal. Por isso, diz-se que “a crise evolutiva do processo adolescente é, sobretudo, uma crise de identidade”.

Devemos entender o adolescente como um sujeito em processo, pois a característica fundamental é a transitoriedade. Aberaztury e Knobel concordam que adolescência representa uma mudança que ocorre através de conflitos com si mesmo e com o contexto sócio-cultural, tanto em relação a expectativas e desejos quanto a valores e atitudes que produz uma nova concepção do mundo. Assim, a adolescência termina quando o indivíduo aparece integrado, independente.

1.2 - Característica do adolescente

Com o auxílio de Aberaztury (op.cit. 1999) e Vygotsky (op. cit. 1999) nos aprofundaremos nos elementos chaves que caracterizam o adolescente como os psicológicos, sociais e culturais.

Para Vigotski (1999) o adolescente é peça chave das mudanças no sentido da linguagem e de estabelecer novos signos sociais. O pesquisador russo introduz também a questão da cultura quando começa a discutir o problema do desenvolvimento da criança- adolescente e aquisição das formas superiores de conduta, os chamados processos psicológicos superiores, como a atenção voluntária, o pensamento, a linguagem e a memória lógica. Em seu trabalho, diz existir no ser humano uma continuidade e uma ruptura entre o biológico e o que é cultural: o cultural supõe o biológico, ao mesmo tempo em que o transforma. Essa tensão entre ambos vai permitir ao sujeito que aprende (o adolescente) o desenvolvimento de processos que lhe permitam interpretar o mundo a partir de interações com seu contexto físico, simbólico e histórico-cultural.

São quatros os conceitos fundamentais que compõem a teoria de Vigotski: **internalização**, onde as funções psicológicas aparecem intersubjetivamente, decorrentes das relações pessoais e intrasubjetivamente, após ter ocorrido a internalização. Este processo transforma as experiências intersubjetivas em intrasubjetivas: do externo (social), para o interno (mental). É aqui onde o adolescente faz a leitura do seu mundo, onde o interpreta e internaliza.

A **mediação** que implica na utilização dos sistemas de signos, como a linguagem, a leitura, a escrita, o cálculo; constituindo-se este o elemento mais interessante nos adolescentes, pois eles fazem e refazem suas relações por meio de diversos códigos de comunicação.

A **zona de desenvolvimento proximal**, definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes; ajuda-nos a compreender o ponto de conflito do adolescente que luta por enfrentar e dar respostas a uma sociedade agressiva, dispensando os conselhos dos adultos e diminuindo assim a operância da zona de desenvolvimento proximal.

E finalmente a **relação entre aprendizagem e desenvolvimento**, em que revela o processo pelo qual os adolescentes penetram na vida intelectual daqueles que os cercam, revelando-se críticos, exigentes e individualistas. Muitas vezes essas altas expectativas se traduzem em frustração.

Isto mostra a influencia do contexto social na formação da consciência humana. As funções intersíquicas, decorrentes das atividades sociais, tornam-se intrapsíquicas através do processo de internalização e assim desenvolvemos nossa subjetividade, nossas funções cognitivas, comunicativas e afetivas, nossos princípios e crenças. A personalidade possui uma origem social no desenvolvimento humano e é importante destacar que este se desenvolve em um tripé formado por: cultura, cognição e emoção, influenciando-se mutuamente. Fernando Gonzalez Rey destaca que personalidade manifesta-se como aquilo que o homem faz de si mesmo, como confirmação de sua vida humana. No seu livro “Epistemologia cualitativa y subjetividad” cap. II (pag. 132), afirma:

“O pensar no sujeito não se orienta simplesmente em direção a uma realidade da que dá conta em termos cognitivos pelos atributos intrínsecos daquela, e sim pelo sentido que esta realidade tem para ele segundo as realidades que vivencia”

No mundo do adolescente atual achamos uma cultura que o impele a ter e conhecer e uma sociedade que o agride emocionalmente. Essa dicotomia exprime parte do conflito do adolescente.

Outra característica importante é a mudança representada na linguagem do adolescente citada por Vigotski (op. cit.1999). Processos cognitivos como a linguagem, a inteligência, a memória e o pensamento se encontram em operação na adolescência. É relevante compreender o funcionamento da mente, para logo entender o raciocínio do adolescente. Segundo o autor, há nesta fase uma seqüência de estágios que se sucedem: o último é o do pseudo-conceito, onde a generalização formada na mente do adolescente, não tem todas as características, como a abstração. Nos conceitos potenciais, os traços abstraídos não se perdem, pois é sintetizado, isto constitui o principal instrumento do pensamento. O autor, concluí que esse processo de pensamento de formação de conceitos configura-se e desenvolve-se somente na puberdade. O comportamento humano social e culturalmente organizado constrói as funções mentais superiores através da interação entre a própria mente e os indivíduos mais experientes. A questão é a qualidade e quantidade destas relações o que acarretará as características do pensamento e do comportamento social do adolescente.

A compreensão do ser humano depende do estudo do processo das formas culturalmente dadas no funcionamento psicológico. É importante o papel da linguagem enquanto meio de troca e organização interna. Vygotsky percebeu a linguagem, como elemento fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e do social do sujeito, pois esta se processa através do pensamento, da comunicação e das ações. A relação entre linguagem e realidade sofre mediação da classe social, confrontando o sujeito com um mundo de significações, ordenado e organizado; não podemos esquecer que para o adolescente, o fator social é importante para seu desenvolvimento. Os jovens são extremamente ricos no discurso (gírias, dialetos). Assim, por exemplo, a expressão “já era” é uma frase onde se manifesta a mudança constante; é como dizer: “já não tem vigência para mim”, “já mudei”, “já sou outro”. É nessa linguagem onde se estrutura o pensamento e o comportamento psico-social do adolescente.

Osorio (op.cit.1989) também aborda a questão da comunicação do adolescente:“há implícito todo um processo de defasagem lingüística e semântica entre as gerações e que acompanha a quebra do processo comunicante entre elas”.O adolescente abandona o modo de comunicação infantil por uma forma adulta de expressão, mas tem uma identidade lingüística e semântica peculiar à sua

condição de adolescente, a gíria, é um subproduto da cultura adolescente e constitui a expressão verbal do processo de diferenciação do adolescente da identidade dos pais e do mundo adulto geral. Em relação ao tema o autor completa: “A gíria seria, por assim dizer, a modalidade verbal da tendência dos adolescentes a evidenciar seus conflitos através de perturbações na conduta” Aqui é interessante destacar o conceito que revela a construção sócio-cultural que o adolescente faz da linguagem e que forma parte das configurações subjetivas do sujeito.

Aberaztury (1999) caracteriza ao jovem adolescente como instável emocionalmente em constante procura de si próprio e de sua identidade. Erikson (op. cit. 1997) como um período de mudanças bio-psico-sociais onde o indivíduo tem que procurar sua própria identidade, o qual se converte em uma pessoa susceptível de mudanças repentinas. Demonstra, também, grande interesse pelo que acontece fora do contexto familiar o que o faz vulnerável as adições, no caso de não ter uma boa comunicação com a família. Um dos motivos, para ser considerada a adolescência como etapa difícil é pela tomada de decisões independente. Neste período flutua entre a dependência e a independência extrema. O movimento se produzirá entre o impulso de se desprender e a defesa que provoca o temor ao desconhecido. Contudo, se os pais outorgam uma boa orientação, deixam o diálogo sempre aberto para refletir junto aos filhos, estabelecem normas e valores, ensinam aos filhos a decidir sozinhos, estaremos diminuindo em um 90% os conflitos desta etapa. A adolescência, não é o período mais crítico das etapas da vida, porém se não se educa com limites e com figuras de autoridade apropriadas ou não se respeitam normas ou acordos, corre-se o risco de os pais serem substituídos por outras pessoas, nas quais o adolescente se identifica, perdendo-se a autoridade.

Osório (1989) reforça a idéia e destaca que a maior dificuldade do adolescente está em aceitar uma autoridade imposta. A autoridade pode adquirir um espaço importante no conjunto de valores do adolescente quando se constrói através da conquista e do respeito e não submetendo o jovem a pressões. O autor diz que: “sem rebeldia e sem contestação não há adolescência normal, em todas as épocas e em todas as latitudes o adolescente sempre foi um contestador, um buscador de novas identidades, testando diferentes formas de relacionar-se”, finalizando que, “os líderes de hoje foram adolescentes contestadores de ontem”. As figuras de autoridade serão os alvos preferidos da contestação do adolescente.

Além disso, espera-se que os conflitos de valores e de poder possam se generalizar para uma questão ideológica. Esse questionamento por parte do jovem é saudável. Demonstra que seu psiquismo está se desenvolvendo com configurações saudáveis para alcançar melhores condições de vida e inter-relacionamento, pois “a ética que o mundo moderno transmite aos jovens não é uma ética de reflexão alicerçada na responsabilidade e sim da ação inspirada no oportunismo” esta postura faz do adolescente um ser singular no olhar das subjetividades sociais.

Aberaztury e Knobel definem as crises que se sucedem por causa das mudanças no corpo, no contexto social e na mente do adolescente. É, através das mudanças que se produzem no corpo, que se vislumbra a mudança no mundo externo. As modificações corporais vividas pelo adolescente o fazem ingressar no mundo adulto, mas também necessita adquirir uma identidade e uma postura ideológica, é dizer, maturidade em seus pensamentos. O adolescente atravessa desequilíbrios alternando audácia, timidez, urgência, desinteresse, apatia, que podem se suceder no tempo ou se dar em forma conjunta com os conflitos sócio-afetivos.

Segundo Aberaztury, (1999) estes conflitos caracterizam-se por:

- Procura de si mesmo;
- Tendência grupal;
- Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- Crises religiosas que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso;
- Confusão temporal, onde o pensamento adquire características do pensamento primário;
- Evolução sexual manifesta que vai desde o auto-erotismo até a heterossexualidade adulta.
- Atitude social reivindicatória com tendências sociais ou anti-sociais de diversa intensidade;

- Contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominadas pela ação que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida;
- Separação progressiva dos pais;
- Constantes flutuações de ânimo e de humor;
- Sucessivas mudanças de ídolos.

Fica em evidência a importância da comunicação dialógica entre família e o contexto sócio-cultural como também a qualidade das relações interpessoais, como elemento decisivo para a superação dos problemas da adolescência. Os sujeitos que compõem o microsistema família são fundamentais para entender a construção que o adolescente faz das percepções subjetivas, assim enquanto os pais não acompanham estas flutuações, o adolescente entra na dependência - independência apresentando-se a oportunidade para o adolescente se refugiar na fantasia, procurando logros de adultos em logros infantis, como o explica Aberaztury e Knobel (op. cit. 1999). Os pais vivem a perda de seus filhos crianças, tanto pelo corpo, como pela dependência. Isto os leva a pensar no envelhecimento e a morte.

Quando crianças, os pais são ídolos ou deuses; já na adolescência, os pais têm que compreender a situação ambivalente e crítica. Os logros dos filhos fazem com que se confronte com seus próprios logros e fracassos, é um momento de avaliação. O problema do adolescente não é só dele; é do adulto que tem que resolver suas problemáticas junto ao adolescente. Sempre e quando os pais estejam preparados para resolver os problemas. Falar no amadurecimento dos adolescentes depende muito do contexto social em que vivem mesmo porque, na atualidade, as mudanças são bem mais rápidas que anteriormente, inclusive para os próprios pais que não conseguem acompanhar essas mudanças, devido à facilidade das informações, a força da mídia, as transformações sociais e pela necessidade de sobrevivência.

Estes fatores levam o adolescente hoje, ter voz ativa, decidir e ser respeitado nos seus desejos em busca de sua identidade, seu espaço, sua independência. Na realidade a maioria dos adolescente hoje se adapta a uma realidade sem conquistar ainda uma base emocional para isso, ou seja, o corpo muda (puberdade), mas a cabeça é de uma criança (adolescência). As mudanças estão acontecendo e não dá

para prever como serão estes futuros adultos. Se por um lado hoje tudo é mais fácil, por outro é cada vez mais exigente no que diz respeito à competência profissional, à estética, ao sucesso, etc. Isto é responsável por novos sintomas que se manifestam nas relações familiares, na escola e no próprio corpo. Alguns conflitos nas percepções subjetivas podem aparecer durante a construção da identidade do adolescente. O rumo que ele dá para sua vida acaba tendo influências da sociedade, a qual cobra de cada pessoa um papel social, preferentemente definido e o mais definitivo possível. Numa fase onde a identidade do adolescente ainda não se completou fica difícil falar em papel social definitivo.

A problemática tem duas caras: uma o adulto e outra o adolescente. O último sente-se com outra postura para:

- Planificar a vida;
- Controlar as mudanças;
- A necessidade de se adaptar ao mundo externo, simultaneamente com o que ele deseja do mundo. Exige reformas sociais.

Em vista ao acima citado podemos afirmar que o essencial na adolescência parece ser a condição de entrar no mundo adulto, modificando sua postura frente ao mundo. Assim, quer ser adulto, mas teme ao mundo de exigências e responsabilidades. Os problemas relacionados com a individualização e o crescimento trazem desorientação, solidão, desamparo, novos desafios. São esses conflitos que tornam ao adolescente suscetível exigente e reivindicativo. Não podemos esquecer que pensar sobre o adolescente envolve pensar sobre nós mesmos, sobre o que éramos e somos; pensar na adolescência significa rever as características da relação entre pais e filhos. Os pais não podem deixar de tentar saber o que os filhos pensam e sentem e vice-versa. A comunicação e o apoio da família são o principal ingrediente para começar a ajudar ao jovem em dificuldades.

CAPITULO II

SINTOMAS DEPRESSIVOS E INCLUSÃO

“Só depois de uma reflexão sobre erros e acertos, eu passo os referenciais teóricos, todos tem o direito de errar para evoluir”.
(Philippe Perrenoud)

O grupo humano é formado por pessoas que apresentam diferenças entre si. Isso se justifica, em parte pelas características físicas e biológicas que as distinguem entre si, como cor de olhos ou estatura. Mas as pessoas também diferem em função de seus hábitos, crenças, valores e atitudes que se internalizam em função de suas práticas culturais do ambiente onde vivem. O respeito a essas diferenças configura-se por meio dos estudos multiculturais. A tolerância à diversidade humana se traduz em inclusão escolar.

A singularidade humana no desenvolvimento humano significa que as pessoas possam ter em seus atributos capacidades e comportamentos, marcados pela variabilidade de alterações, tanto do ponto de vista físico, mental ou psicossocial. Segundo Omote (2004) ao se falar de diversidade, estamos tratando de fenômenos que podem ter origem em uma desvantagem ou incapacidade limitante, decorrente de processos naturais, biológicos, mas também de acidentes, traumatismos ou fenômenos de adversidade social imprimindo traços de desenvolvimento peculiares em condições adversas.

Todas as pessoas não têm que ser iguais. Suas histórias são distintas. O próprio conceito de diferença é subjetivo. Diferente de quem? De que padrão? Quem determina o que é diferente ou normal?

Fernando Gonzalez Rey em seu livro “La significación de Vigotski para la consideración de lo afectivo en la educación”, trabalha sobre esse conceito é afirma que :

“a subjetividade permite reconhecer o sujeito com sua singularidade crítica e atuante com a capacidade de alternativas frente às formas de subjetividade social¹, dominantes nos diversos espaços que atua. Muitos adolescentes trazem à escola

¹ Subjetividade Social segundo González Rey representa a organização subjetiva dos diversos espaços sociais espaços ,os quais formam um sistema configurado pela multiplicidade de produções que faz parte de maneira diferenciada e parcial dos distintos espaços sociais nela coexistentes.

sentidos subjetivos² geradores de medo, insegurança, baixa auto-estima e exclusão associadas a suas histórias de vida, não podem superar as barreiras simbólicas emocionais frente às exigências escolares gerando dificuldades para aprender. Muitos dos problemas de aprendizagem devem-se ao tipo de sentidos subjetivos que se configuram em volta das atividades escolares do aluno e que bloqueia sua expressão intelectual e dificulta sua integração. O sujeito social representa uma unidade central do desenvolvimento tanto pessoal quanto social. O desenvolvimento é o resultado de tensões que se geram por configurações subjetivas³.”

Os sintomas depressivos representam uma dessas tensões e justifica por si próprio um estudo de suas características, já que é um dos conflitos psicossociais que com mais frequência podem se encontrar na sociedade atual. De fato se conclui que aproximadamente o 4% da população sofre este transtorno, enquanto o 20% das pessoas que chegam a uma consulta médica tem depressão, mesmo não sendo este o motivo da consulta (Wicks-Nelson e Israel e Yepes Luis, 1997) os sintomas depressivos são desalentadores por deteriorarem significativamente a adaptação psicossocial e o desenvolvimento do sujeito, atingindo negativamente as diferentes esferas da vida, inclusive a cognitiva.

Diversos estudos realizados indicam que entre o 1,80% e o 25% das crianças podem apresentar sintomas depressivos, ao igual que o 10% dos adolescentes (Reynolds e Mazza, 1998). As condições da vida atual não favorecem o bem-estar dos jovens; hoje podemos perceber uma cultura mundial, denominada por Reynolds e Mazza, como depressiva e violenta, desfavorecendo enormemente o desenvolvimento afetivo do adolescente, sendo que a escola reforça este panorama desatendendo as problemáticas emocionais. O ressentimento significativo do desempenho escolar é uma das consequências possíveis.

Segundo Wicks-Nelson e Israel e Yepes Luis (op.cit.. 1997), a alteração depressiva é uma doença que atinge o organismo (cérebro), o ânimo e a maneira de pensar. Atinge a forma em que come e dorme a própria valoração. Não é um estado passageiro de tristeza. Não é uma condição da qual se pode se livrar a vontade.

² Sentido Subjetivo segundo González Rey é uma categoria que representa a unidade do emocional e do simbólico e que expressa a integração entre organização e processualidade.

³ Configurações Subjetivas segundo González Rey é a organização subjetiva do sujeito.

Os sintomas são:

- Estado de ânimo triste, ansioso;
- Sentimento de pessimismo;
- Sentimento de culpa e desamparo;
- Perda de interesse em atividades que antigamente gostava;
- Dificuldades para se concentrar;
- Insônia ou sono desmedido;
- Perda de peso ou comer de mais;
- Pensamento ou intento de suicídio;
- Irritabilidade;
- Dores de cabeça, distúrbios digestivos.

A depressão pode se apresentar de diversas formas:

- Como um ou vários episódios depressivos maiores, onde o estado de ânimo deprimido se percebe no período de dois meses e se evidencia uma sensação de tristeza, irritabilidade (no caso de adolescentes) e perda do interesse ou prazer, entre outros sintomas. Neste caso pode-se dizer que se trata de um Distúrbio Depressivo Maior;
- Como um estado crônico, no qual se evidencia um estado de ânimo depressivo a maior parte do dia, em vários dias ou durante dois anos; chama-se Distúrbio Distêmico;
- Como um estado deprimido que não pode ser classificado nas categorias anteriores, denomina-se Distúrbio Depressivo não especificado;
- Outro tipo é o Distúrbio Bipolar (maníaco-depressivo). O mesmo caracteriza-se por mudanças cíclicas nos estados de ânimo: eufórico ou depressivo. Podem ser dramáticos e rápidos ou gradativos.

As causas podem ser diversas, como: tensões na vida, problemas de família, trabalho ou estudo; a própria estima baixa; pessimismo e stress (situação não desejada).

Devemos destacar que o estado de ânimo deprimido, que caracteriza a depressão, é também um fenômeno comum e próprio da experiência humana, inclusive pode ser que esta melancolia tenha efeitos positivos (Goleman, op.cit. 1995); onde o ser humano resgata suas forças internas e evolui para uma etapa mais criativa, melhor, se superando; porém é possível que chegue a níveis que afetem negativamente as diferentes esferas vitais do sujeito, e isto pode acontecer por diversas razões e em qualquer idade.

Percebe-se aqui que um atributo ou comportamento pode ser motivo de valorização ou de rejeição social, em função de sua historicidade e contexto social.

2.1 - Sintomas depressivos no adolescente

Aberaztury e Knobel (op.cit. 1999) classificam as perdas dos adolescentes em:

- **Perda do corpo infantil:** o adolescente vive a contradição de ter uma mente ainda infantil para um corpo que vai se transformando em adulto. Esta contradição o leva a um processo que o assusta e que o despersonaliza.

O bom desenvolvimento do nível simbólico (os objetos reais que vão se transformando em objetos verbais) é o que levará o adolescente a atravessar esta etapa mais facilmente.

Quando a simbolização fracassa a confusão pode ser extrema e o adolescente nega toda sua realidade bio - psíquica começando a atuar com papéis fantasiados que pode chegar a senti-los como verdadeiros.

- **Perda da identidade e do rol infantil:** o sujeito vai passando por etapas nas quais deseja a identificação com os diferentes contextos sociais: primeiro tenta com os pais e logo a recusa. Também acontece que seus colegas não lhe alcançam para se identificar e procura ídolos que o representem.

A caracterização na vestimenta do adolescente é uma forma do adolescente de lograr a identificação com um mundo adulto, que critica e ao mesmo tempo quer pertencer.

- **Perda dos pais da infância:** no contexto sócio-cultural é o enfrentamento de duas gerações; no contexto familiar, por um lado é a perda dos ídolos de criança e por parte dos pais é a perda porque devem deixar este lugar.

A quantidade e qualidade da elaboração das perdas na adolescência determinam as configurações subjetivas do sujeito no contexto social, reconstruindo as relações e formando novas estruturas subjetivas. Se a sensação de fracasso frente a esta busca de satisfações é muito intensa pode obrigar ao sujeito a se refugiar em si mesmo, dando origem a esse sentimento de solidão, frustração, desalento e aborrecimento. A intensidade e a frequência dos processos de introspecção e projeção podem obrigar o adolescente a realizar rápidas modificações no seu estado de ânimo, tais mudanças de humor podem aparecer como pequenas crises no sentido subjetivo do sujeito.

Erikson (op.cit.. 1972) chama a atenção para o fato de que a construção da identidade é uma construção social. As formas de pensar e o reconhecimento da cultura na qual está submerso. A adolescência constitui uma guerra interna e externa tentando formar a identidade. Significa, portanto uma negação dos valores familiares para se diferenciar daqueles que sempre lhe deram referência e conforto. A crise ocorre por ser um período de confusão da identidade, de busca de ideais. A mesma torna-se aguda quando ao mesmo tempo ocorrem mudanças no contexto social, provocando dificuldades familiares, escolares e sócio-econômicas.

Cabe destacar mais uma vez que, para o adolescente alcançar a capacidade de assumir a responsabilidade pelas próprias atitudes, para atuar no contexto social com independência, precisa de apoio e segurança pessoal e isto só poderá consegui-lo num contexto familiar que ofereça compreensão e respeito.

2.2 - Depressão na adolescência: Um Estudo do Caso

Faremos projeções com o efeito de mostrar as singularidades do sujeito que é atingido na suas configurações sociais como conseqüência dos sintomas depressivos. Na complexa rede simbólico-emocional toda experiência vivida se torna subjetiva dentro da rede de sentidos subjetivos. Os conflitos no mesossistema (parentes, vizinhos, escola) são comuns na adolescência pela revisão dos valores sociais e as críticas que comprometem o equilíbrio do contexto sócio-cultural do adolescente. As frustrações traduzem-se em sintomas depressivos passageiros e

em instabilidade emocional desestruturando o microsistema – família -. As alterações dos conceitos familiares criam expectativas que frustram ao sujeito, pois seu núcleo familiar não pode ser padronizado.

A pesquisa visa a assumir uma linha de ação após da análise de várias alternativas (Becker, Huitec, 1999) permitindo estudar o problema do adolescente em três momentos: as configurações subjetivas de si próprio, o sentido subjetivo do indicado criança e seus conflitos com o futuro no indicador vida adulta.

Como instrumento adicional, o preenchimento de frases, ajuda a compreender os desejos e os esforços do querer ser, indicando as dificuldades. Partindo da definição do sentido subjetivo (op. cit. Fernando Gonzalez Rey, 1995) os eventos adquirem seu sentido simbólico, gerados em outras zonas da vida da pessoa. Assim, as abordagens interpretativas são essencialmente interativas e nas palavras de Gonzalez Rey (1995);

“A expressão do sujeito frente aos instrumentos estará estreitamente ligada ao que ele sente no momento de recebê-lo, o que dependerá muito do valor que outorga à investigação, de suas necessidades e conflitos atuais, de suas relações com o investigador e do clima dialógico da investigação”

No indicador criança se apresentam os momentos da infância que não foram tranqüilos, os conflitos das etapas anteriores surgem novamente. Pensemos, assim, nas crianças que tem sofrido perda dos pais: em esta etapa pesam muito as identificações, o esforço para a construção das suas configurações subjetivas sobre o conceito de vida adulto será maior que um adolescente com uma vida com certa normalidade.

Muitas vezes as sensações de angústia transbordam a capacidade psíquica do adolescente apresentando uma crise não bem elaborada, assim todas as perdas da infância farão que a passagem seja mais dificultosa. A quantidade e a qualidade dos sintomas depressivos na adolescência determinam a intensidade dos sentimentos. Assim, quando os adolescentes são indagados no seu papel de criança revela-se que a maioria não concluiu seu rol infantil:

Sujeito I: “as crianças não tem com que se preocupar, e por isso que as coisas são mais lindas”,

Sujeito II: “criança é pura e inocente, já os adultos são gananciosos e só pensam em ser ricos e ter poder”,

Sujeito III: “criança é um ser imaginário”,

Sujeito IV: “os sonhos de uma criança é uma imaginação que para as crianças é pura, os adultos faz com que fique violento”,

Sujeito V: “crianças são puras, ao contrário dos adultos que não conseguem mais ser”

Sujeito VII: “crianças tem a alma pura ao contrário dos adultos que desconfia de tudo e de todos

Observamos uma persistência no uso do indutor de informação criança – pureza, adulto – mau ou violento, esse conflito na elaboração das posições pessoais cria problemas na elaboração positiva de uma estrutura subjetiva positiva em relação ao adulto, um adulto que eles deverão ser algum dia. Isto dificulta a construção da personalidade adulta e as configurações subjetivas de si próprias e do futuro tornam-se de insegurança, incerteza, desânimo, ansiedade, insatisfação e até desinteresse:

Sujeito I: “meu futuro é indefinido”,” meu maior problema é escolher meus caminhos”

Sujeito II: “sofro muita vezes por quem não merece”,

Sujeito III: “meu maior problema é o estresse”; “sofro solidão, amor, humilhação”,

Sujeito IV: “sofro de solidão, humilhação”,

Sujeito V: “meu maior problema dispersão e conversa”, “sofro quando não tenho o que eu quero”,

Sujeito VII: “sofro quando fico só”, “meu maior temor é perder a minha mãe’

A própria percepção subjetiva da sociedade apresenta-se em conflito:

Sujeito VI: “sofro todos sofrem”

A sua percepção da realidade, supera o que eles podem atingir nos resultados finais. O indicador felicidade revela o espaço mais significativo, e o mais inatingível:

Sujeito IV: “eu penso que o ser humano vive mais das coisas ruins da vida do que da felicidade e ele aprendeu a viver assim’,

Sujeito V: “o homem quer ser feliz rapidamente e perde muito rápido pois faz coisa errada”,

Sujeito VII: “o homem nunca encontra a felicidade plena, já que quando a encontra ele rapidamente se cansa”

Aqui se manifesta grandes problemas no relacionamento com o outro, particularmente com o contexto sócio-familiar.

Devemos prestar atenção ao reverso da aprendizagem, isto é, ao que se oculta quando se ensina, e ao que se desprende quando se aprende. O aluno manifesta, não tão só, sua própria metamorfose como também da sociedade que forma parte. A maioria das crianças que necessita de ajuda apresenta algo em comum: dificuldades no relacionamento com o contexto social que se evidencia na forma em que elabora as percepções subjetivas como sujeito social, ou seja, na sua subjetividade individual que é determinada socialmente. Os maiores conflitos manifestam-se nas relações interpessoais baseadas no microssistema família e escola. O indicador escola não surge num patamar importante e o conhecimento relaciona-se com:

Sujeito I: “é um lixo”,

Sujeito II: “é a pior coisa do mundo’,

Sujeito V: “lugar para estudar, mas é ruim”.

Nessas frases observamos o lugar, hierarquia dada ao conhecimento que é transmitido pelas subjetividades manifestas no grupo sócio-familiar do qual o adolescente participa.

O indicador mudança aparece como uma constante no conceito de homem o que indica uma configuração subjetiva de instabilidade, pois os sentimentos de perda (pais, amigos, namorada) é uma constante, ao igual que a violência e a morte que gera sentimento de medo:

Sujeito IV: “estamos em constante mudança, porém existem pessoas que tem medo de mudar e do jeito que nasceram, morrem”

Sujeito V: “estamos em constantes transformações”

Numa perspectiva mais apurada escolhemos sete indivíduos para estudarmos as suas singularidades e observarmos suas características sócio-emocionais:

Sujeito I: apresenta uma falta de definição nas percepções subjetiva quando diz “sofro quando estou sofrendo”, ainda apresenta incerteza, desanimo e falta de protagonismo como sujeito social na seguinte afirmação: “meu futuro está nas mãos de Deus”, no indicador de conflitos surgem os microssistemas: família “não consigo viver sem minha família” o que determina a insegurança e percepções subjetivas em conflito na afirmação “escola é um lixo”, finalmente o que resume a instabilidade no contexto sócio-emocional e exprime os conflitos nas configurações subjetivas é a frase “meu maior temor é perder quem eu amo”. Não devemos esquecer que estas configurações subjetivas exprimem a organização das percepções subjetivas da realidade sócio-emocional do sujeito, que não são isoladas e foi construído por experiências vividas o que poderíamos inferir como a existência de experiências de separação, perda no microssistema que é o indicador de conflitos.

Sujeito II: apresenta conflitos nas configurações subjetivas com o surgimento do sentimento de perda, separação; elaborado na construção social das experiências subjetivas, quando diz: “meu maior temor é perder as pessoas que amo” e “não consigo viver sem minha mãe e meu pai”, neste sujeito o conflito com a escola surge nas frases: “o tempo mais feliz é as férias”, revela assim os espaços significativos e o lugar que se dá ao conhecimento “escola é a pior coisa do mundo”. O isolamento e ansiedade manifestam-se nas frases: “gosto de computador e assistir TV” e “minha preocupação principal é reprovar”. Ficam claros os interesses que tem a ver apenas com o universo pessoal, como também as necessidades afetivas. A socialização do sujeito apresenta claramente conflitos nas vivências e experiências no microssistema.

Sujeito III: em particular, este sujeito se apresenta em conflito na subjetividade individual quando afirma que a criança é um ser imaginário, mostrando o conflito intrapessoal, pois não acredita na existência de uma etapa da vida que não deve ter sido bem elaborada ou bem resolvida no microssistema família, onde

também surgem desequilíbrios nas relações interpessoais e que deixa amostra o conflito das configurações pessoais como sujeito social, assim: “sofro de amor, solidão e humilhação” e “meu maior problema é o estresse”, ansiedade e insegurança são mais uma vez um ingrediente nas percepções subjetivas do sujeito, o que se sustenta com a afirmativa: “meu futuro é indefinido”. Essa falta de protagonismo, de controle e de desejos em relação à própria vida resulta preocupante em jovens que deveriam se sentir “donos do mundo” ou acreditar pelo menos na própria capacidade para viver, lutar ou escolher. Despersonalização é outro adjetivo válido para caracterizar esses jovens, pois não tem uma construção sólida na sua subjetividade individual e as configurações subjetivas estão em conflito. O sujeito é um elemento constituído da subjetividade social e simultaneamente se constitui em nela

Sujeito IV: as principais manifestações observadas é o indutor criança-pura, adulto-violento. A agressão forma parte das configurações subjetivas da vida adulta, isto se torna um risco porque nas suas sucessivas construções da percepção da vida adulta pode associar a própria maturidade com violência, caracterizando a personalidade do sujeito na sua vida adulta. A percepção subjetiva do sujeito e as significações que faz das pessoas o colocam num patamar de subjugação, assim: “sofro de solidão, humilhação”, “meu maior temor é me dar mal na vida”; esses conflitos nas configurações subjetivas que se projetam incluso no futuro pessimista mostram um sujeito desmotivado, isolado, sem perspectivas e ainda apresenta grande ansiedade: “não consigo me acalmar, ficar quieto”, este é o maior indicador de conflitos de um sujeito que elaborou esses sentidos subjetivos em outras zonas da vida e que estão agora configurando sua personalidade subjetiva caracterizada por desassossego e medo.

Sujeito V: neste sujeito se repete mais uma vez o indutor vida adulta-maldade e criança-pureza, dando a infância um espaço significativo, pois a reconhece como o tempo mais feliz, apresentando um conflito que o sujeito ainda não superou para se tornar adulto e aceitar perdas e derrotas, assim deixa aparecer na frase: “sofro quando não tenho o que quero”. A incerteza e decepção também aparecem na frase “meu futuro a Deus pertence”. Apresenta assim sua posição

peçoal, resultado da construção das configurações subjetivas; sendo o ponto de conflito do sentido subjetivo da personalidade a dispersão: “meu maior problema é a dispersão e a conversa” e a perda; ‘meu maior temor é perder meu pai e minha mãe”.

Sujeito VI: aqui resulta significativo o indutor de conflito na frase: “sofro todos sofrem”, pois revela a percepção subjetiva de um contexto social em crise e com dificuldades na configuração social, mostrando não ter instrumentos para resolver os problemas e fica nesse estado de sofrimento, dor. Essa impotência frente às configurações subjetivas mostra conflitos nos relacionamentos interpessoais, confirmados nas frases: “a preocupação principal é o namoro”, “meu maior problema é ser pegajosa” A imaturidade é um sintoma de conflitos intrapessoais do sujeito que não estão resolvidos por conta da transitoriedade emocional do período que vive (adolescência) e que se exprime na frase: “meu maior temor é perder o que já tenho”; enfrentar o desconhecido impossibilita o crescimento e traz para o sujeito um sentimento de insegurança.

Sujeito VII: apresenta também o conflito criança- vida adulta e outorga um espaço significativo para a infância: “o tempo mais feliz **foi** a infância”, mostrando também essa face em conflito: “meu maior problema **é** a infantilidade”. É interessante a contradição manifesta na hora que surge a infância no verbo passado “foi” e ao mesmo tempo a traz como conflito presente, indicando as dificuldades na construção das percepções subjetivas do adulto que o caracteriza como “desconfiado”, a sensação de perda e vulnerabilidade se manifesta na frase: “meu maior temor é perder minha mãe”. Isto indica o sentido subjetivo dos elementos da sua vida, a família. A angústia que causa a passagem para a maturidade o deixa mais sensibilizado e impossibilitado de evoluir para essa vida adulta pela construção subjetiva negativa que fez da mesma.

Pelos relatos permite-se inferir que o estado de ânimo dos adolescentes, apresenta-se através da sensação de tristeza ou infelicidade. Pode existir uma relação entre este sentimento negativo e as dificuldades para a interação social e o isolamento. Não existem configurações subjetivas estáveis no microssistema família o que torna o sujeito vulnerável. Uma grande proporção tem sentimentos, conceitos

e atitudes negativas sobre si mesmo que se reflete nos indutores criança e adulto manifestando os valores existentes nas percepções subjetivas do sujeito.

Os sintomas depressivos aparecem em contextos sociais onde a subjetividade social manifesta pouca alteridade e baixo nível de desenvolvimento interpessoal, onde o sentido subjetivo do sujeito internaliza expressões sociais não saudáveis como isolamento, altos patamares de rendimento cognitivo, modelos biológicos e sociais que frustram ao sujeito nas suas aspirações sócio-culturais. Os sintomas depressivos podem ser conceituados como um estigma sócio-cultural negativo. O termo estigma, hoje, atrai para nós a idéia de desgraça, descrédito e não uma condição de inferioridade moral. A construção e manipulação do estigma criam tensões que geram conflitos de direito e interesses no contexto social. Assim, tem-se verificado no sujeito adolescente nas relações sobre auto-estima corporal (auto-imagem) e aprendizagem, resultando uma interdependência positiva ou negativa entre as duas áreas, segundo o estado de ânimo do adolescente.

Desta perspectiva geral a aprendizagem é um fator que sofre de alterações segundo a forma que o sujeito processa as dificuldades do seu contexto sócio-cultural e determina a qualidade e as possibilidades que o sujeito tem de atuar sobre a realidade. É um problema que começa a se manifestar no sujeito e envolve o contexto social em sua totalidade. É por isto relevante trabalhar a expressão dos sentimentos de tristeza (resposta afetiva), as dificuldades na interação social, tal como o isolamento e a solidão (problemas sociais) e os conceitos, atitudes e sentimentos sobre si mesmo (auto-estima) de maneira que exista uma evolução na inteligência emocional do sujeito adolescente nos contextos familiar e escolar para que assim sejam construídas configurações subjetivas saudáveis.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Introdução

O problema da depressão e de sua concomitante exclusão mostra outra face, até hoje debaixo do disfarce da adolescência difícil: é a de uma sociedade difícil, hostil e inexorável. Para que a os sintomas depressivos deixem de ser um estigma deve existir um “empoderamento histórico cultural” que alimente o multiculturalismo crítico, questionando assim a origem das diferenças, criticando a exclusão, respeitando as diferenças e negociando os conflitos.

Cada adolescente tem uma organização psíquica diferente resultante de sua história de vida. É importante determinar as situações dialógicas abertas no processo educativo onde se permitam os espaços de relação e de ação respeitando as singularidades no processo educativo. Redesenhando o cenário escolar como um contexto social de intercâmbios, reflexão e debate; favorecendo a participação do sujeito adolescente desde a diversidade de suas formas de manifestação da subjetividade social. A saúde do adolescente requer um grau de consciência pessoal e social para que possa alcançar um estatuto de existência quase adulto, permitindo um processo de mudança. Nesse sentido o papel da escola e da família tem grande destaque porque é fonte de diálogo e socialização. Assim, devemos deixar de lado o chamado “adolescente problema”. Pois, ao final ocorre o inevitável que é sua aceitação como pessoa, destinada a prosseguir na sua maturidade.

Cabe à escola propiciar um contexto sócio-educativo estável e seguro onde às crianças se sintam bem. Elas precisam sentir-se amadas, aceitas, acolhidas e ouvidas para que possam despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O contexto escolar é fecundo em interação social. É importante ter consciência de que nossa percepção subjetiva do outro é filtrada por nossos preconceitos, atitudes, esquemas sociais e interesses. O afeto e a cognição são aspectos inseparáveis. O afeto influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, é também regulador da ação. Assim as emoções básicas - amor, ódio, tristeza, alegria ou medo - direcionam o comportamento.

O contexto escolar (professores, família, gestores escolares) deve levar em conta o contexto social do adolescente e humanizar a relação entre sujeito, aprendizagem e sociedade. Nosso trabalho teve como objetivo dar espaços às diferenças, às singularidades de sujeitos com sintomas depressivos que precisam

ser ouvidos e ajudados pelo contexto escolar, um lugar de encontros, de intercâmbios e de crescimento intelectual e emocional.

Principais contribuições

Na questão chave de criar espaços comunicativos, Mitjans Martinez (2006) aponta aspectos essenciais a serem levados em conta na organização do trabalho pedagógico no contexto inclusivo:

A - favorecer a criação de espaços comunicativos

b - estimular o desenvolvimento da condição de sujeito

Resulta útil que se desenvolva desenhos curriculares orientados à inteligência emocional. Daniel Goleman (1995) trouxe uma grande contribuição na visão e no trabalho com o sujeito adolescente no contexto escolar, mostrando que nós temos duas mentes, dois cérebros e dois tipos diferentes de inteligência: racional e emocional. Nosso desempenho na vida é determinado pelas duas, quando interagem, aumenta não só a inteligência emocional, como também a capacidade intelectual. Assim, nos preparamos melhor para a vida e construímos mais sadiamente nossas subjetividades sociais e individuais. A sala de aula deve ser um espaço inteligente, voltado para o desenvolvimento das múltiplas inteligências, onde os alunos se encontrem para interagir criativamente.

Recomendações para futuros estudos

Este trabalho permitiu compreender as configurações subjetivas no contexto escolar do sujeito que apresenta sintomas depressivos, inserido no panorama de exclusão social. As interpretações podem ser empregadas para abrir novos campos de estudo e de intervenção, assim como para conscientizar à comunidade educativa da importância de formar em e para a inteligência emocional; procurando maior alteridade nos grupos sociais.

A intervenção no contexto social deve estimular a criatividade, escutar as dificuldades e angústias dos sujeitos envolvidos (pais, alunos, professores) tentando integrá-los, comunicá-los para o bem-estar comum e por sobre tudo ajudar aos alunos que apresentem dificuldades de aprendizagem motivadas por questões psicossociais, outorgando instrumentos aos professores para que levem a discussão em forma de conversação, colocando temas que motivem à reflexão sobre o ser

social, respeitando as diferenças, abrindo espaços para a participação dos alunos com sintomas depressivos. Assim estaremos desenvolvendo a inteligência emocional e desenvolvendo uma prática educativa de inclusão social e desenvolvimento humano; outorgando confiança aos alunos que perderam a capacidade de mostrar suas outras inteligências. A inteligência emocional é o campo no qual mais tem se trabalhado experimentalmente com resultados que às vezes pecam pela obviedade de suas conclusões e outras pelo fato de suas múltiplas interpretações.

Sugerem-se atividades mais estruturadas, recursos didáticos variados para o desenvolvimento das diversas tarefas educativas. É fundamental, que o professor favoreça situações de trabalho em grupos e que se leve em conta diversas estratégias instrutivas, assim o evidencia o ato de brincar que conduz as relações grupais para formas de comunicação mais saudáveis.

Com relação ao contexto familiar é de extrema importância que o jovem possa se sentir acolhido, que tenha espaço para falar de suas dificuldades que cada conquista tenha seu reconhecimento. É preciso que os pais priorizem o que pode facilitar a aprendizagem de seus filhos e estejam alertas as necessidades e sinais dos adolescentes na sua face mais complexa.

Em vista ao estudado, podemos dizer que o novo caminho para achar uma solução é viabilizar espaços de discussão, questionamento e reflexão no contexto escolar e na sociedade, apontando novas saídas, mais independentes. É função da escola considerar os aspectos relacionais próprios da condição humana, abrindo um caminho de diálogo e transformação, promovendo o amadurecimento emocional.

REFERÊNCIAS

ABERAZTURY,A.;KNOBEL,M. **Adolescência Normal**.Porto Alegre:Artemed.1999

BECKER, H. **Método de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Huitec, 1992.

COUTINHO, M., MOREIRA, M. **Psicologia da educação**. São Paulo: E. Lê, 2001.

DA ASSUNÇÃO, Jose E; - COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2001.

ERIKSON,D.**Identidade.Juventude e Crise**.Rio de janeiro:Ed. Guanabara.1997

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 1998.

GOLEMAN, Daniel. **A mente emocional: a teoria que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicoterapia, Subjetividade e Pos-Modernidade. Uma aproximação Histórico Cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e subjetividade:Os procesos da construção de informações** . São Paulo: Pionera Thomson Learning, 2005

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisas qualitativas em psicología: caminos e desafios**. São Paulo: Pionera Thomson Learning, 2002

HARGREAVES, A.; EARLT, I.; RYAM, J. **Educação para a mudança**. São Paulo: Artemed, 1996.

LAJONQUIÈRE, Leando de. **De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens.A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Petrópolis:Vozes, 1992

LAURENTI, Roseli Bacili .**Psicopedagogia: um modelo fenomenológico**. São Paulo: E. Vetor, 2004.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: E. Cortez, 1994.

MITJANS MARTINEZ, Albertina. MATHIAS SIMÃO, Lívia. (orgs.) **O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia**. São Paulo: Pionera Thomson Learning, 2005

MITJANS MARTINEZ, Albertina. VILLELA, Maria Carmen. TACCA, Rosa(orgs.) **A complexidade da aprendizagem** São Paulo:editora Alínea, 2009

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: E. Pedagógica e universitária Ltda. 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: E. Cortez, 2002.

OSORIO,L.C. **Adolescente hoje**.Porto Alegre: Ed.Artes Médicas.1989

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SHIRAHIGE, Elena; HIGA, Marília. **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHULTZ, D. **Historia da psicologia moderna**. São Paulo: Cultrix, 1999 e São Paulo: Marco Zero, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Luria; LEONTIEV **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícones Editores, 1998.

WINNICOT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

REFERÊNCIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

AUSBEL, David. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognitivo**. México: Trilhas, 1978.

FERNANDEZ, Alicia. **La inteligencia aprisionada**". Buenos Aires: Paidós, 1987.

GOLEMAN, Daniel. **La inteligencia emocional: porque es más importante que el cociente intelectual**. Santafé de Bogotá: E. Javier Bergara, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **La significación de Vigotski para la consideración de lo afectivo en la educación.** En revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación, vol 9: Universidad de Costa Rica. Costa Rica. 2009

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo.** Colombia: Pontificia Universidad Javeriana. 2010

REYNOLDS, W.; MAZZA J. **Depresión adolescente y sus escalas.** Buenos Aires: Paidós, 1998.

Apêndice

Modelo de questionário e frases oferecidas ao aluno

1 – “O homem é um ser ansioso pela felicidade e, entretanto não a suporta por muito tempo” (Herman Hesse). “**O que você acha desta afirmativa?**”.

2 – “As crianças têm coração grande e, graças à magia da imaginação, conseguem imantar dentro de suas almas coisas que, na cabeça dos adultos vivem em violento conflito e se excluem umas às outras” (Eram Hesse). “**O que você acha desta afirmativa?**”.

3 – “Somos uma metamorfose ambulante”. (Raúl Seixes). “**O que você acha desta afirmativa?**”.

- 1-Gosto.....
- 2-O tempo mais feliz.....
- 3-Queria saber
- 4-Meu maior temor
- 5-Escola
- 6-Não consigo
- 7-Sofro
- 8-Meu futuro
- 9- A preocupação principal
- 10-Meu maior problema



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil-Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a inclusão de alunos com sintomas depressivos no contexto escolar. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa um questionário com frases inconclusas que será preenchido sem identificação, apenas constará a idade. Para isso, solicito sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (61)84083801 ou no endereço eletrônico paolamonas@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato. Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda Paola Mariel Monasterio de la Menza .UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) _____

neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____